

# O PALHAÇO DA FOLIA DE REIS COMO UM ARQUÉTIPO: OS SIGNIFICADOS POR TRÁS DA MÁSCARA E O PERCURSO PELA MEMÓRIA AFETIVA

Palavras-Chave: PALHAÇO DE FOLIA DE REIS, MÉTODO BPI, MEMÓRIA AFETIVA

Autoras:

LETÍCIA ARAUJO DE ANDRADE [INSTITUTO DE ARTES/UNICAMP]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> LARISSA SATO TURTELLI (orientadora) [INSTITUTO DE ARTES/UNICAMP]

---

## INTRODUÇÃO:

Esta é uma pesquisa no Método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), criado por Graziela Rodrigues, a qual possui três núcleos temáticos ao redor dos quais se estrutura: as características e funções dos palhaços dentro das Folias de Reis, as imagens arquetípicas relacionadas aos palhaços das Folias de Reis e as memórias afetivas como propulsoras do trabalho corporal e fator decisivo na percepção das relações interpessoais tanto em campo quanto durante o processo criativo.

O método BPI estuda as manifestações populares brasileiras, seus aspectos simbólicos, corporalidades e afetividades, investigando esses conteúdos como catalisadores da criação artística, e visando o trabalho consciente das emoções e do corpo em cena. O método possui três eixos que estruturam todo o seu desenvolvimento, que são: *“Inventário no Corpo”*, *“Co-Habitar com a Fonte”* e *“Estruturação da Personagem”*. A presente pesquisa engloba o segundo eixo *“Co-Habitar com a Fonte”* e conta com a realização de pesquisas de campo dentro da manifestação popular Folia de Reis em cidades interioranas dos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Pretende-se a partir das experiências nas pesquisas de campo, da investigação no corpo e da leitura e análises da bibliografia e registros feitos no decorrer do processo delinear o personagem palhaço da Folia de Reis como uma figura que apresenta características arquetípicas como aponta o título do projeto. Além disso, outro objetivo da pesquisa é refletir sobre a influência da afetividade e da memória corporal para o processo criativo em dança no método BPI e as potências das relações interpessoais para o trabalho artístico.

## METODOLOGIA:

A pesquisa foi desenvolvida no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), dentro do eixo *“Co-Habitar com a Fonte”*, que é a etapa que centraliza as pesquisas de campo no método. Para o seu desenvolvimento dividiu-se os procedimentos metodológicos em três focos: a pesquisa teórica, a pesquisa de campo e a pesquisa no corpo. Nesta investigação foram utilizadas as cinco ferramentas do método BPI: a técnica de dança, a técnica dos sentidos, a pesquisa de campo, os laboratórios dirigidos e os registros. Para isso foram feitas leituras, antes e depois das experiências em campo e a análise dos registros de todo o processo, diários dos laboratórios dirigidos, diários de campo e da bibliografia, a fim de chegar à comprovação da hipótese que norteia esta pesquisa de que os palhaços de folia de reis configuram figuras arquetípicas.

Primeiramente foram lidos artigos, teses e livros referentes aos temas que fundamentam a pesquisa: os palhaços de Folia, as imagens arquetípicas, e a memória afetiva.

Na segunda etapa foram efetivadas pesquisas de campo em eventos de Folias de Reis em setembro e novembro de 2021 e acompanhado o giro (o percurso de casa em casa) de uma Folia em janeiro de 2022, nas cidades Nhandeara- SP, Itapevi- SP e Pouso Alegre- MG, respectivamente. Por

meio dessas vivências conheceu-se na prática os palhaços e as diferenças e semelhanças que orbitam esta figura dentro da festividade em cada Folia pesquisada.

Para a investigação no corpo, seguindo o método BPI, explorou-se as relações entre memórias, emoções e movimentos, assim as imagens e afetividades geradas pela pesquisa de campo foram potencializadoras do trabalho prático dentro dos laboratórios dirigidos. Estes laboratórios, também chamados de dojos, são uma ferramenta do método BPI que compreende um espaço de investigação corporal sensível, com a guiança da diretora do processo, neste caso também orientadora da pesquisa.

A última etapa de análise conta com os materiais elaborados ao longo de todo o processo, os diários de campo, os trechos e sínteses extraídos da bibliografia estudada e os diários de dojo, escritos a partir do trabalho nos laboratórios dirigidos. Esses materiais foram revisitados e constituíram-se na base para a construção dos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:



Figura 1- palhaços da companhia Irmandade Três Reis Magos do Oriente em Pouso Alegre- MG

A pesquisa está organizada em três núcleos temáticos já apresentados na introdução. A seguir são colocados os resultados obtidos em cada um deles e a relação entre eles observada durante a pesquisa.

Para falar dos palhaços de Folia de Reis é necessário também falar da manifestação em si, seu mito fundador mais disseminado e sua importância como forma de expressão religiosa da cultura popular. Para destrinchar essa manifestação teve-se como principal fonte bibliográfica o livro “Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa” de Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edmilson de Almeida Pereira. Neste livro os autores fazem uma descrição e análise profunda das atividades e personagens relacionadas à Folia de Reis de Santo Antônio do Baú em Jequitibá- MG.

O que fundamenta a mitologia da Folia de Reis é a viagem dos três Reis Magos para prestar suas homenagens ao menino Jesus. Há variações de acontecimentos e simbologias dentro desta base, essas pequenas mudanças de roteiro diferenciam uma Folia da outra, cada Folia é única e tem seus mistérios. Uma dessas variações é a apresentada no livro de Gomes e Pereira, a de que cada palhaço representa um dos reis do mito, outra é a de que os palhaços representam os soldados de Herodes convertidos pela graça e nascimento do menino Deus; é nesta última que se apoiam as Folias pesquisadas.

A dualidade presente na figura dos palhaços já pode ser percebida pela variação de suas representações em cada Folia, suas roupas e máscaras dão a esta imagem um caráter ainda mais complexo e configuram junto com outros elementos da Folia uma atmosfera de ludicidade e seriedade ao mesmo tempo. Durante as pesquisas de campo, a pesquisadora pôde averiguar na prática a riqueza das funções e simbologias relacionadas aos palhaços.

Em Nhandeara foi acompanhado o percurso da chegada da Folia ao altar de Santos Reis, nessa experiência pode-se observar alguns aspectos das funções dos fardados (como são chamados os palhaços) no festejo. Estes recitavam os versos saudando o altar e o caminho pelos três arcos, os quais simbolizavam os três Reis Magos e a santíssima Trindade, a cada arco a bandeira trocava de mão e os fardados trocavam de posto: os que iam à frente passavam a guarnecer o grupo e os que iam ao redor abriam caminho para a bandeira passar. Além da sua presença falada, pelos versos e barulhos, os palhaços tinham a função de guarda da bandeira, eles não só acompanhavam o cortejo, mas também atraíam a atenção das pessoas, brincavam e recolhiam esmolas e prendas.

Em Itapevi, foi acompanhada a saída da Folia da Companhia de Reis Família Du Catira e as práticas relacionadas a ela, como: o preparo da comida, das roupas, os cantos e contos que permeiam o festejo. Mais uma vez, os palhaços dançavam e declamavam seus versos. Durante a caminhada, eles iam à frente, abrindo caminho e guardando a bandeira, com a Folia parada eles se espalhavam cercando o perímetro. Também acompanhavam a saudação ao altar e o ritual de "beijar a bandeira", onde os presentes passavam por baixo da bandeira da Folia, recebiam sua bênção e alguns amarravam fitas fazendo seus pedidos e promessas: se essas fitas forem desamarradas por um fardado, a graça poderá ser concedida.

Na última ida a campo, em Pouso Alegre, a pesquisadora acompanhou a Companhia de Reis Irmandade Três Reis Magos do Oriente de São Gonçalo do Sapucaí- MG por três dias, o que envolveu presenciar a saída, o giro, percurso e passagem pelas casas, e a chegada da Folia na casa do festeiro. Diferente dos palhaços dos grupos anteriores que carregavam bastões e espadas de madeira, os bastiões (como são chamados os palhaços dessa Folia) usavam chicotes. Durante esses dias a pesquisadora conheceu mais sobre os mistérios da Folia e de seus mascarados, suas funções de abrir caminhos e encontrar as casas que receberão a Folia e a bandeira de Santos Reis. Eles eram dinamizadores, nunca se afastavam da bandeira, tinham uma responsabilidade mútua onde a folia cuidava da bandeira e a bandeira da Folia, sendo os palhaços são os mobilizadores desse conjunto.

Na chegada da Folia à casa do festeiro foi feito o ritual de cortar as fitas, seis fitas, uma para cada um dos seis arcos. Os bastiões iam de joelhos cortando as fitas de cada arco, declamando versos e pedindo a licença dos donos da casa até abrirem caminho para o altar. Antes disso, eles fizeram a Jaca, uma dança acrobática onde saltavam uns sobre os outros e faziam rolamentos, urravam, davam gritos, foi um dos momentos mais esperados da Folia.

A dinâmica de barulhos, movimentos e a visualidade das roupas coloridas e máscaras caracteriza a figura dual dos palhaços de Folia. Este misto de qualidades traz à tona sensações profundas de encanto e mistério, da Folia ser algo maior e antigo, do começo do mundo.

Chegando aos arquétipos, que compreendem o segundo tema desta pesquisa, serão apresentados os recortes deste conceito que estão sendo considerados no presente estudo. O principal material relacionado a esta temática foi o livro "Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo" de C. G. Jung. No livro o autor passa por vários aspectos dos arquétipos, o que os configura e como eles se apresentam.

Segundo Jung, os arquétipos estão e atuam no que ele chama de inconsciente, o qual pode ser dividido em pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal é formado por experiências pessoais adquiridas no decorrer da vida do indivíduo e a maior parte de seus conteúdos é composta por complexos, estes precisam de estímulos exteriores e individuais para serem acessados e estão normalmente associados a memórias de grande carga emocional. Já os arquétipos existem na parte mais profunda do inconsciente, o inconsciente coletivo, que, de acordo com Jung, surgiu a partir do desenvolvimento biológico do ser humano enquanto espécie. Este pesquisador defendia que os arquétipos estavam presentes de diferentes maneiras em todas as culturas humanas, o que, embora tenham um valor em termos de relativização, denota também uma visão etnocêntrica, comum à época que esta teoria foi desenvolvida.

Para Jung, os arquétipos influenciam o ser humano de modo inconsciente, projetados em figuras do cotidiano, como é o caso do arquétipo da Mãe, mas também podem aparecer de maneiras menos literais, como é o caso dos arquétipos da Sombra e da Anima. Jung ressalta que nenhum arquétipo é completamente bom ou ruim, nem tem uma forma única, são existências psíquicas que se apresentam como um conjunto de símbolos e representações alegóricas.

Alguns aspectos primordiais para a classificação arquetípica são: a multiplicidade de sentidos, os arquétipos aparecem com mais de uma possibilidade de representação e significado, são ambíguos e até mesmo paradoxais; a riqueza de referenciais, aparecem várias vezes em diferentes lugares e tempos; e o fato de serem carregados de pressentimentos que ultrapassam a própria imagem e seu significado, as imagens arquetípicas sempre geram alguma comoção estão ligadas ao inconsciente coletivo, portanto têm grande capacidade de alcance.

Outra característica importante dos arquétipos é que eles são um molde de padrões de comportamento, representações e formas, portanto podem ser percebidos em diversas culturas e tempos com seus desenhos característicos de imagens ideais e alegóricas e ainda assim não carregarem os mesmos sentidos, este é o caso dos mitos, das figuras mascaradas e das inúmeras variações dos arquétipos da mãe e do velho sábio, por exemplo. Imagens ou conjuntos de representações arquetípicas não podem ser totalmente compreendidos e codificados, o fato de estarem além da segurança da sanidade e fora de alcance também os caracteriza, apesar de que conteúdos arquetípicos podem vir a serem reconhecidos de forma consciente ao interagirem com matérias do inconsciente pessoal.



Figura 2- Palhaços da companhia de reis Irmandade Três Reis Magos do Oriente dançando a Jaca em Pouso Alegre- MG

Assim como as figuras arquetípicas, os palhaços de Folia apresentam ambiguidade e têm diferentes variantes de sentido, podendo ser projeções dos Reis Magos ou dos soldados de Herodes. Além dessa mutabilidade que cerca a personagem do palhaço em suas diferentes variações, a sua representação visual com as máscaras, chapéus, roupas coloridas, chicotes e bastões, e o seu papel na festividade, o modo como gritam, brincam, guiam e rodeiam os foliões (comportamento e forma) afetam e geram reações em quem experiencia a sua presença conversando com conteúdos profundos do inconsciente coletivo, como fascínio, encanto, medo e até mesmo uma confusão de sentimentos opostos, estranhamento e êxtase, dando aos palhaços de Folia o seu caráter arquetípico.

Desse modo, os palhaços são figuras mascaradas carregadas de mistérios e estão ligados aos aspectos mais ambíguos, mutáveis e lúdicos da festividade. Figuras análogas a estas podem ser encontradas em diferentes contextos culturais, pode ser feita uma relação com o Exu na Umbanda, o mascarado das Cavalhadas de Pirenópolis (RODRIGUES, 2018) e até com o Saci Pererê. Essas personagens apresentam traços “tricksterianos” (AUGRAS, 2008) e apesar de seus significados e características diferenciarem muito uns dos outros, se for feita uma interpretação em termos do conceito de arquétipo, pode-se traçar referenciais em comum entre eles, o que pode auxiliar em uma compreensão mais abrangente do palhaço da Folia de Reis em termos arquetípicos.

Finalmente, sobre a memória afetiva foi considerada para esta pesquisa a sua relação com o corpo e a imagem, para isso usou-se como principal referência o livro “O Erro de descartes: emoção, razão e cérebro humano” de Antônio Damásio. No livro o autor expõe as emoções como fatores decisivos na tomada de decisões e para isso configura a importância e influência das emoções nas relações interpessoais e individuais.

Damásio diz que “[...] A essência de um sentimento (processo de viver uma emoção) não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim a percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem corporal” (DAMÁSIO, p.18, 2012), sendo assim, pode-se dizer que o corpo é o instrumento de percepção e recepção do mundo exterior, assim como do mundo interior, sejam os estímulos externos ou internos eles são vividos na carne. Na verdade, trata-se de um mecanismo minuciosamente emaranhado, é no corpo que emoção e razão se configuram e existem, não como opostos, mas como parcelas indissociáveis da realidade humana.

Para esta pesquisa é considerada a perspectiva de um corpo-mente sensível durante todo o processo. Desde os momentos das pesquisas de campo até os laboratórios dirigidos o corpo está presente, e está recebendo e processando estímulos, estímulos que por sua vez, transitam entre as camadas da afetividade.

A capacidade de evocar imagens se faz presente em situações cotidianas, quando um cheiro traz uma lembrança de alguém ou alguma recepção tátil altera o tônus do corpo, algumas vezes essas associações acontecem em camadas tão profundas que não é possível reconhecer conscientemente qual é sua relação com a realidade, vivida ou imaginada. Por outro lado, a evocação de imagens pode acontecer sem influência externa, uma lembrança pode desencadear inúmeras outras e até mesmo reverberar no corpo, é a sensação de aconchego ao lembrar de alguém querido, e a coceira ao pensar em formigas. O corpo-mente é uma via de mão dupla para as experiências sensoriais e afetivas.

Apesar das imagens evocadas por estímulos exteriores serem convencionalmente mais vívidas, a elaboração consciente desses conteúdos independente da origem é uma possibilidade, e é justamente nesse espaço que o método BPI trabalha.

Durante os laboratórios dirigidos na etapa “pesquisa no corpo” foram trabalhadas as imagens sensoriais e paisagens evocadas através de estímulos exteriores ou interiores a fim de modelar um novo corpo dançante, partindo do entrecruzamento das experiências afetivas vividas nas pesquisas de campo com aquelas do histórico pessoal da bailarina, o qual possibilitou uma nova gama de afetos a este novo corpo. Este momento diz respeito ao terceiro eixo do método BPI “*Estruturação da Personagem*”.

O percurso pela memória afetiva, apontado pelo título do projeto não é um guia somente na fase que se situa a presente pesquisa, “*Co-Habitar com a Fonte*”, nas relações e escolhas conscientes ou não dentro do processo, uma vez que, como foi apresentado nos parágrafos anteriores, a própria emoção não se dissocia da razão nesses momentos. É através das experiências afetivas e identificações e afinidades individuais levantadas na elaboração do “*Inventário no Corpo*” (primeiro eixo do método BPI) que é feita a escolha do campo, e a partir das experiências afetivas vividas em campo que se dá a construção da personagem no corpo no terceiro eixo. A afetividade é, portanto, uma força propulsora que influencia em todo o percurso no método.

## CONCLUSÕES:

A presente pesquisa teve como objetivo apontar as características que configuram o palhaço de Folia de Reis como um personagem arquetípico e entender como se dá o percurso pela memória afetiva apontado pelo título da pesquisa, como esta influencia todo o processo. Partindo da análise dos registros coletados ao longo das pesquisas de campo e da pesquisa no corpo em relação com a bibliografia tem-se os resultados apresentados e discutidos e percebe-se a teia de relações que se cria entre os três núcleos temáticos que sustentam a pesquisa.

Algumas características primordiais dos palhaços das Folias de Reis se assemelham com aspectos que configuram imagens arquetípicas, a dualidade, visualidade alegórica e a capacidade de gerar emoções em quem interage com essas figuras afirma a tese de que os palhaços de Folia podem ser vistos como figuras arquetípicas e, portanto, interagem com conteúdos do inconsciente coletivo das teorias de Jung.

Ao longo do processo no método BPI, durante os três eixos percebe-se a presença central das emoções, isto porque o próprio método prevê a condução destas como material para a elaboração de um corpo presente com afetividades e histórias profundas que dialogam conscientemente com conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo de Jung. Isso ocorre, pois não são evocadas apenas memórias relacionadas à vida pessoal da bailarina, mas também imagens que dizem respeito ao campo e que transcendem a este, relacionadas a inúmeras experiências humanas, de caráter embrionário, simbólico e arquetípico.

É importante também salientar a importância de um olhar sensível para as relações interpessoais quando se estuda a cultura popular, a abertura para a afetividade proposta pelo método BPI proporciona a possibilidade de uma mobilização emocional da bailarina que propicia a emergência e a elaboração de um novo corpo, com emoções reais e paisagens sensoriais vívidas, que ao contar sua história não fala só de si, mas de todo um campo social com o qual se interliga.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAUJO, Amanda Gonçalves de. Romaria, um percurso para o interior: vivência a partir do eixo Co-Habitar com a Fonte do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). Campinas, 2017.
- AUGRAS, Monique. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô/ Monique Augras, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DAMÁSIO, Antônio R. O erro de Descartes: razão, emoção e o cérebro humano, 3 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães, 1940 - 1994. Do Presépio à Balança: Representações sociais da vida religiosa. Núbia Pereira de Magalhães Gomes, Edmilson de Almeida Pereira - Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.
- JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. Os arquétipos e o inconsciente coletivo/ C. G. Jung. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva - 11.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas. São Paulo, 2009.
- RODRIGUES, Graziela. Bailarino-Pesquisador-Intérprete, 3 ed.- Lauro de Freitas- BA, Solisluna, 2018.
- RODRIGUES, F. E. Graziela. O MÉTODO BPI (BAILARINO-PESQUISADOR-INTÉRPRETE) E O DESENVOLVIMENTO DA IMAGEM CORPORAL: REFLEXÕES QUE CONSIDERAM O DISCURSO DE BAILARINAS QUE VIVENCIARAM UM PROCESSO CRIATIVO BASEADO NESSE MÉTODO. Campinas, 2003.
- RODRIGUES, G. (2010). As ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal. Campinas, SP:UNICAMP.
- RODRIGUES, Graziela. Corpo para receber labá. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2012